

# Macabéa

Revista Eletrônica do Netlli, Volume 6, Número 1, Jan.-Jun. 2017

## UMA FILOSOFIA ONTOLÓGICA DA INFÂNCIA E OS EXERCÍCIOS POÉTICOS DE SER CRIANÇA

### A PHYLOSOPHICAL AND ONTOLOGIC LOOK UPON FANCY POETRY IN CHILDHOOD

DONATO, Elaine da Silva Carvalho

VALLE, Ricardo Martins

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA-UESB

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITARESTE ARTIGO | OS AUTORES  
RECEBIDO EM 26/04/2017 • APROVADO EM 02/05/2017

---

#### Abstract

---

This study focus on a interpretation of the work "Exercicios de Ser Criança" (Book full text, by Manoel de Barros) based on a phylosophical approach rendered by Gaston Bachelard (1884-1962), centered on the theoretical representation carried by childhood into the reverie and environment of a poem. Exercicios de Ser Crianca (1999), the first book published by poet Manoel de Barros aimed at children and teenagers, brings up the main characteristics of manoelin poetry: an aversion to utilitarian language, childhood universe as a core subject and reverie as a way of fancying into poetry. Themes such as playing around, tricks and the typical flow of child dreaming set the tune through all of his work. We worked on how Manoel de Barros took up the childhood frame as a token for a constant diving into the past. However this is a token of a time with no chance of coming back; and "a priori" of no avail; it turns out as a permanent motionless place apt to revisiting and reminiscing

through the fancy poetry of childhood. Childhood is revisited as a setting for the coming of memoriabilia and poetic creative imagery.

---

## Resumo

---

O presente trabalho tem por objetivo a leitura do livro *Exercícios de Ser Criança* (1999), à luz da filosofia de Gaston Bachelard (1884-1962), principalmente pelo significado teórico que a infância toma nas poéticas do Devaneio e do Espaço. *Exercícios de ser criança* (1999), primeiro livro do poeta Manoel de Barros publicado com a classificação infanto-juvenil, recupera as principais características do programa poético manoelino: a aversão ao utilitarismo da linguagem, o universo infantil como temática central, o devaneio como exercício poético. Assim, temas como brincadeiras, travessuras e o modo próprio de como a criança vive o devaneio são recorrentes em toda a obra. Neste sentido, busca-se compreender como Manoel de Barros, por meio de seu fazer poético, toma a infância como signo de eterno retorno a um tempo que, a priori, é irrecuperável, mas que através dos exercícios poéticos de ser criança, torna-se um espaço permanentemente imóvel, de recordação, de revisitação. A infância como espaço de memória e criação poética.

---

## Entradas para indexação

---

**KEYWORDS:** Manoel de Barros. Childhood. Brazilian poetry. Bachelard.

**PALAVRAS-CHAVE:** Manoel de Barros. Infância. Poesia Brasileira. Bachelard.

---

## Texto integral

---

*Exercícios de ser criança* (1999) é o primeiro livro de Manoel de Barros que recebeu a classificação infantil/juvenil, impressa na ficha catalográfica, provavelmente por conveniência editorial. Publicada pela editora Salamandra, a obra conta com um primoroso trabalho de ilustração, feito com bordados de Antônia Zulma Diniz, Ângela, Marilu, Martha e Sália Dumont sobre os desenhos de Demóstenes Vargas e rendeu ao poeta no ano de 2000, o prêmio de melhor livro infantil da Academia Brasileira de Letras (ABL), o prêmio de melhor livro na categoria ilustração infanto-juvenil e o de melhor livro de poesia para criança da Fundação Nacional do Livro Infantil Juvenil (FNLIJ).

O livro, composto por três poemas, retoma as características mais recorrentes do poeta Manoel de Barros: a infância como tema favorável à poesia, o devaneio como exercício poético, a aversão ao pragmatismo da linguagem.

O primeiro poema, **sem título**, parte de uma pergunta que quer ser típica de crianças. Simula poeticamente a liberdade lógico-sintática da linguagem infantil, mas elabora uma reflexão metalinguística e revela uma autoconsciência da linguagem que, a rigor, é inverossímil na criança. Assim, poderíamos dizer que, se à

primeira vista a linguagem poética de Manoel de Barros se aproxima da linguagem infantil, essa aproximação é um estado de tensão, uma busca, e talvez uma busca triste. Em Manoel de Barros, parece haver uma simulação, algo petulante, de uma liberdade infantil até no uso da linguagem, ele remexe restos, pregos enferrujados, cacos, latas, como o menino peralta que ele quer ser. Mas há quase sempre um acorde menor em tudo isso. Uma recorrente nostalgia de um estado da subjetividade que é efetivamente irrecuperável. A liberdade lógico-sintática com que estrutura seus filosofemas poéticos, como que perseguem um paraíso perdido:

No aeroporto o menino perguntou:

- E se avião tropicar num passarinho?

O pai ficou torto e não respondeu.

O menino perguntou de novo:

- E se o avião tropicar num passarinho triste?

A mãe teve ternuras e pensou:

Será que os absurdos não são as maiores virtudes  
da poesia?

Ao sair do sufoco o pai refletiu:

Com certeza, a liberdade e a poesia a gente aprende com  
as crianças.

E ficou sendo.

[BARROS, 1999, s/p]

A pergunta do menino, no pequeno trecho desse poema, desestabiliza a racionalidade cartesiana do *animus* do pai, que se desendireita não exatamente com o teor da pergunta mas com o retorcido de sua formulação. A pergunta do menino é acrescida dessa nota elegíaca que confere tom de gravidade à pergunta inusitada: a interrupção de uma tristeza é algo mais sério nessa possibilidade trágica de um avião pegar um passarinho em pleno ar. A pergunta, repetida na exasperação infantil que acrescenta ao evento hipotético seu conteúdo mais dramático — uma tristeza interrompida — entenece, contudo, a mãe e a conduz a um devaneio tão inverossímil quanto a pergunta da criança.

A reflexão da mãe, ou melhor, suas duas absurdas perguntas, apenas pensadas em devaneio, são indagações fundamentais do programa poético que Manoel de Barros buscou construir talvez desde seu primeiro livro: a liberdade dos absurdos como a maior virtude da poesia e a riqueza dos despropósitos mais plenos de poesia do que o bom senso, que a infertiliza. A pergunta do menino é absurda, como o devaneio metapoético da mãe é absurdo. Contudo, a figura da mãe e o acolhimento poético com que apreende a pergunta do filho denotam como o ato de devanear encontra-se na *anima* [BACHELARD, 2008, p.53-91].

A partir da dialética junguiana, que compreende a psique humana sob o signo da dualidade entre o *animus* e a *anima*, o filósofo Gaston Bachelard, na sua *Poética do Devaneio* (1960), afirma que quando o devaneio se realiza no seu estado mais puro, simples, ele é essencialmente feminino, “um dos estados femininos da alma” [BACHELARD, 2009 p. 19]. O pensar carregado de ternuras da mãe demonstra como a vivência do devaneio poético em *anima* “pode aprofundar todo um poema” [BACHELARD, 2009, p. 31]. Tais devaneios encenam também parte do programa poético de Manoel de Barros. Remetem ao espaço da infância como um estado de ser de alta criatividade e imaginação.

O segundo poema, “**O menino que carregava água na peneira**”, parece anunciar a destinação do próprio Manoel de Barros para a poesia, profetizada pela mãe de um menino, que não se confunde com o assim chamado “eu poético”. É na terceira pessoa que um eu adulto, dono de um livro, narra essa revelação do menino para a poesia:

Tenho um livro sobre águas e meninos.  
Gostei mais de um menino que carregava água na peneira.  
A mãe disse que carregar água na peneira  
Era o mesmo que roubar um vento e sair correndo com ele  
para mostrar os irmãos.  
A mãe disse que era o mesmo que catar espinhos na água  
O mesmo que criar peixes no bolso.  
O menino era ligado em despropósitos. (...)

[BARROS, 1999, s/p]

Entre os dois, *eu* adulto e *ele* menino, há uma empatia, há identificação, embora não uma perfeita identidade. Uma certa concepção de fazer poético aparece aí definida por variações desproporcionais da ação do menino que dá título ao poema: “carregar água na peneira”. Assim, fazer poesia “era o mesmo que roubar um vento e sair correndo com ele para mostrar aos irmãos”, “era o mesmo que catar espinhos na água”, “o mesmo que criar peixes no bolso”, que “montar os alicerces de uma casa sobre orvalhos”. Sempre os elementos fugidios do vento e da água, circunscritos ou recolhidos por um instrumento improvável — o peixe no bolso, a água na peneira, o vento roubado —, ou elementos densos, concretos, suportados pelo elemento mais sutil — a casa sobre o orvalho, o espinho na água.

A poesia é um fazer a pedra dar flor. Ao produzir e justapor séries de incoerências que inicialmente podem provocar estranhamento, os despropósitos do menino ganham coerência e sentido, à medida que desestabilizam a racionalidade em favor da sensibilidade poética: um propósito de apalpar o impalpável que só é possível no interior do discurso poético. Assim, a poesia toda está ligada ao despropósito de “gostar mais do vazio que do cheio”, de considerar os “vazios maiores e até mesmo infinitos”.

Em “**O menino que carregava água na peneira**”, mais uma vez é na relação afetiva do menino com a mãe que se revela para o poeta o sentido, ou melhor, o despropósito de seu fazer poético:

A mãe reparava o menino com ternura.  
A mãe falou: Meu filho, você vai ser poeta.  
Você vai carregar água na peneira a vida toda.  
Você vai encher os vazios com as suas peraltagens.  
E algumas pessoas vão te amar por seus despropósitos.

[BARROS,1999, s/p]

Já o terceiro e último poema, “**A menina avoadada**”, abre margens para a recordação de experiências e brincadeiras infantis. Todos os três poemas enlaçados por um tema comum — o poder imaginativo da criança sobre a linguagem, tratam do exercício poético visto através do brincar.

No primeiro, define-se a criança como ser-poético, capaz de desequilibrar a linguagem com conjecturas até então, inimagináveis para a racionalidade adulta, mais afeita à praticidade do que à imaginação. A criança é o ser capaz de se harmonizar com todas as coisas e manter com elas uma relação livremente democrática, ou melhor, desierarquizada. Tanto o avião como o passarinho voam. Mas o avião não chama atenção do menino por sua imponência, tecnologia. O passarinho *triste* para a criança é mais importante do que a grande máquina construída pelo homem. O pequeno é posto em evidência. O *tropeço* pode interromper uma tristeza, o que dá um tom poético e humanizador ao poema. É a criança, a figura central desse exercício imaginativo.

Revela-se aí a inversão dos valores que Manoel de Barros costuma empregar na sua poesia: as grandezas descansam nas coisas mínimas. Sua poética coloca sempre em evidência o ínfimo. O próprio poeta já declarou em entrevista concedida a José Castello, esse seu gosto pelas coisas rasteiras, simples, miúdas:

Meu impulso poético me diz que as coisas grandes devem ser desequilibradas com as pequenas. Tenho uma atração pelas coisas mínimas. O ínfimo tem sua grandeza e ela me encanta. Gosto muito das coisas desimportantes (...).

[BARROS apud CASTELLO, 1997,]

“**A menina avoadada**”, título homônimo de um poema publicado no livro *Compêndio para uso dos pássaros* (1960), narra a brincadeira de dois irmãos — um menino e uma menina — que imaginam fazer uma viagem até à cidade. As personagens do poema não são nomeadas. Essa ausência de nomes universaliza suas experiências, retira-as do particular, convida à identificação de quem lê.

O significado do adjetivo “avoada”, no título do poema, parece indicar que se trata de uma menina distraída, mas também aérea. Levada de vôos. E imaginar livremente é o que a menina faz ao lembrar, já adulta, as aventuras imaginárias de seu tempo de infância.

O texto possui estrutura poético-narrativa. Os versos são compostos com recursos líricos e com elementos narrativos tais como espaço/tempo, enredo/personagens e, assim como vários outros poemas de Manoel de Barros, apresenta modificações na estrutura da linguagem, rompendo com alguns conceitos linguísticos e literários canonicamente estabelecidos. O que o exercício manoelino de ser poeta faz é

(des)inventar a maneira tradicional de ler e escrever as coisas e subverter a linguagem, opor, contrapor, inverter e distorcer para mostrar a essência do fazer poético. Seus versos são livres e brancos, não usa pontuação nem ligação entre eles; Os textos poéticos manoelinos não apresentam uma nítida separação entre poesia e prosa. Seus versos realizam de forma fragmentada, por meio de cortes e montagens, através de recorte e reorganização sintática de seus elementos. Se por um lado seus textos são melódicos, rítmicos, apresenta um impressionante desfile de elementos onomatopaicos e metonímicos além do emprego de metáforas insólitas e imagens inusitadas, o que é próprio do poema, por outro, em seus textos perambulam personagens (...) entrelaçando-se em narrativas, o que é próprio da prosa.

[BASTOS, 2004, p. 89]

“**A menina avoada**”, versa sobre a prática imaginativa da criança que, liberta de regras e convenções, é naturalmente poética. Ao reavivar, através da imaginação, brincadeiras de um tempo outro, o poema declara que a reinvenção da infância é fonte de poemas, uma vez que, esse recordar a infância não é apenas uma simples visita à memória, conta sempre com a imaginação criadora daquela que lembra — a menina avoada. Uma imaginação que nas asas do devaneio poético, entenece a memória e a envolve de doçura, de paz:

A imaginação matiza desde a origem os quadros que gostará de rever (...) Para ir aos arquivos da memória, importa reencontrar, para além dos fatos, valores (...) Para reviver os valores do passado, é preciso sonhar, aceitar essa grande dilatação psíquica que é o devaneio, na paz de um grande repouso.

[BACHELARD, 2009, p. 99]

Assim, mesmo com a diferença de idade entre as duas crianças, estabelece-se entre elas uma relação de cumplicidade para realizar a viagem. A criatividade e o pensamento mágico são descortinados: durante a viagem, o carro feito com “caixote”

e “duas rodas de lata de goiabada” é conduzido por bois inventados. As crianças mergulham tanto na fantasia que até dão nomes e características aos bois:



Eu comandava os bois:

- Puxa, Maravilha!

- Avança, Redomão!

Meu irmão falava que tomasse cuidado porque

Redomão era coiceiro.

[BARROS, 1999, s/p]

Há duas crianças na história, em fases diferentes da vida. Cronologicamente, a menina encontra-se na sua primeira infância, com dois anos de idade. O irmão, já com nove anos, está entrando na fase da puberdade. Esse é o momento de travessia para uma nova fase da vida — a adolescência. A imaginação do menino já conta com vestígios de uma erotização primária, o que é possível perceber pela presença imaginária da figura feminina descrita no verso:

A namorada do meu irmão dava febre no corpo dele.

[BARROS, 1999, s/p]

Esse é um tema corrente em Manoel de Barros. As descobertas da adolescência não se desvencilham da linguagem pueril, com tons de inocência. Trata-se de uma erotização traduzida pela língua da infância como um relato espantoso de quem toca o desconhecido pela primeira vez.

O tempo do poema é um tempo lúdico, fantasioso, não é o tempo cronológico. No entanto, a narradora, adulta, em seu devanear sinaliza com leveza que tem consciência de que a brincadeira era invenção, estava no plano do imaginário e não do real, por isso, ela não morre quando precisa atravessar o rio que havia no caminho para a cidade e o carro afunda, os bois morrem afogados, porque tanto os bois como o rio eram “inventados”:

No caminho, antes, a gente precisava de atravessar um  
rio inventado.

Na travessia o carro afundou e os bois morreram afogados.

Eu não morri porque o rio era inventado;

Sempre a gente só chegava no fim do quintal.

[BARROS, 1999, s/p]

A menina avoadada relembra o passado de sua primeira infância. Segundo Bachelard, numa lembrança de infância é difícil definir os limites da memória e os da imaginação, pois as “imagens amadas” da infância podem até surgir como lembranças, mas acabam tornando-se devaneios: “Tudo o que devo dizer da casa da minha infância é justamente o que me é necessário para me colocar numa situação de onirismo, para me colocar no bojo de um devaneio em que vou repousar no meu passado” [BACHELARD, 1988, p.29].

Essas viagens pelas trilhas da memória demonstram que todo adulto faz um retorno fundamental à infância. Não é um simples ato de recordar o passado, o ato do “devaneio ajuda-nos a habitar o mundo, a habitar a felicidade do mundo” [BACHELARD, 2009, p.23]. Não apenas lembramos o nosso tempo de infância, nós o reinventamos, reconstituímos um espaço sensorialmente redesperto:

Este signo do retorno marca infinitos devaneios, pois os retornos humanos se fazem sobre o grande ritmo da vida humana, ritmo que atravessa os anos, que luta contra todas as ausências através do sonho. Sobre as imagens aproximadas do ninho e da casa repercute um componente de íntima fidelidade.

[BACHELARD, 1988, p. 262]

No **segundo poema**, fala-se do fazer poético, a partir do modo de ser do menino, que era “cismado e esquisito”. Sua forma de imaginar transcende o senso comum, abre margem para novas possibilidades de se pensar a palavra, o mundo e o ser, de forma poética, sensível, pelos desvios dos sentidos rotineiros e utilitários da linguagem.

A maneira peralta de ser do menino, sempre ligada aos despropósitos, amparada pelo olhar compreensivo da mãe, confere ao poema uma série de imagens que vai gradualmente construindo o universo poético manoelino. As construções do menino, a princípio, ilógicas, são frutos de suas traquinagens que, com o tempo e o avanço da vida adulta passam a ser feitas com a palavra.

O menino descobre que “escrever seria o mesmo que carregar água na peneira”: a lição feminina, dada pela mãe, devaneante, é como que um batismo poético, um ritual de investidura que o sagra como poeta. O gesto-palavra da mãe salva-o do adulto que terá de ser, porque lhe franqueia um tal uso da linguagem, que lhe permite alinhar as construções ilógicas do menino ao exercício de ser poeta.

Afinal, escrever é também imaginar, contar, inventar e a poesia, em tempos de linguagem reduzida, simplificada, torna-se também despropositada diante da praticidade da vida moderna. Trata-se de um fazer poesia brincando, mas um brincar poético que registra as projeções de um adulto em contato com o mundo, os seres e as coisas, um adulto que fala da infância como espaço vivido mas latente, que é signo de busca e retorno.

Manoel de Barros nos mostra uma infância que quase sempre é ligada ao fazer poético e que é um tempo único da vida em que a liberdade e a criatividade são manifestas sem limites. Sem dúvida, é a condição infantil que dá ao poeta-menino — ou seria ao menino-poeta? — a liberdade de construção de seus pensamentos poéticos, visto que tanto a infância como a poesia são dimensões em que o ser se encontra pleno e imune às limitações impostas pela realidade castradora de sonhos e devaneios:

Por alguns de seus traços, *a infância dura a vida inteira*. É ela que vem animar amplos setores da vida adulta. Primeiro, a infância nunca abandona as suas moradas noturnas. Muitas vezes uma criança vem velar o nosso sono. Mas também na vida desperta, quando o devaneio trabalha sobre a nossa história, a infância que vive em nós traz o seu benefício. É preciso viver, por vezes é muito bom viver com a criança que fomos. Isso nos dá uma consciência de raiz. Toda a árvore do ser se reconforta. Os poetas nos ajudarão a reencontrar em nós essa infância viva, essa infância permanente, imóvel, durável.

[BACHELARD, 2009, p.20]

Desse modo, as peraltagens do menino com seu brincar falho, impossível, de carregar água na peneira, são também as peraltagens do poeta, na labuta em desacostumar a palavra contaminada pelo utilitarismo cotidiano. Quando faz dos resíduos, dos restos, do ínfimo, matéria de poesia, dá novo vigor e visibilidade às “coisinhas do chão” através do ato criador do devaneio.

Assim, Manoel de Barros desafia a imaginação, aponta outras verdades, outros ângulos da realidade, “a imaginação inventa mais que coisas e dramas; inventa vida nova, mente nova; abre olhos que têm novos tipos de visão” [BACHELARD, 2013, p.18].

Nessa passagem de *A água e os sonhos* (1942), Bachelard amplia as possibilidades da invenção para além das coisas narráveis. Por efeito da imaginação, a poesia, tanto quanto os devaneios voltados para a infância, renova a vida em sua integralidade, renova o olhar, metonímia da totalidade do sentir. Faz nova, de novo, a visão dos olhos cansados de olhar:

(...) eis a poesia primordial, eis a poesia que nos permite tomar gosto por nosso destino íntimo. Ela nos dá uma impressão de juventude ou de rejuvenescimento ao nos restituir ininterruptamente a faculdade de nos maravilhamos. A verdadeira poesia é uma função de despertar.

[BACHELARD, 2013, p.18].

*Peraltagem* é um termo geralmente utilizado para designar “criancice” ou “coisas de criança travessa”, mas a travessura, da qual Manoel fala, versa sobre uma traquinagem feita no interior da linguagem. À medida que o menino toma consciência da permanência de suas *peraltagens* e de seu destino de poeta, as

peraltagens deixam os objetos e passam a brincar com a palavra. Assim, é possível usar num único verso elementos verbais e não-verbais e estremecer os sentidos da linguagem, “corrompê-los até a quimera” e desfazer o normal, o que está posto, sempre renovando a linguagem com novos sentidos:

O menino aprendeu a usar as palavras.  
Viu que podia fazer peraltagens com as palavras  
E começou a fazer peraltagens.  
Foi capaz de interromper o voo de um pássaro botando  
Ponto final da frase.  
Foi capaz de modificar a tarde botando uma chuva nela.  
O menino fazia prodígios.

[BARROS, 1999, s/p]

A infância em Manoel de Barros fomenta a invenção, o devaneio. Possibilita por meio da brincadeira com as palavras e da força lúdica da linguagem, o questionamento, a comunhão com o cosmo e com o ser em profundidade. O poeta renova a linguagem, escava a palavra atrás “de seus clamores antigos”, até chegar ao seu estado primordial, despreendida dos veios academicistas. Quando se tocam as origens da palavra, nessa busca constante do estado da infância, a poesia faz ressoar não só a potência poética da linguagem, mas também a do ser:

Meditar na origem da existência humana, recordar o tempo de infância significa poetizar a gênese da vida. A existência só se mantém criativa, renovando incessantemente o ato poético que a inaugurou. (...) O mundo da existência renasce porque mergulha as suas raízes no universo da infância.

[MELO E SOUZA apud CASTRO, 1991 p. 114.]

Para Bachelard, a infância está diretamente ligada ao princípio da vida. É sempre possibilidade de origem, “permanece em nós como um princípio de vida profunda, de vida sempre relacionada à possibilidade de recomeçar” [BACHELARD, 2009, p. 119]. Da mesma forma, Barros, através do ato instaurador da escrita poética, concebe a infância como estado perpétuo, fazendo dela “um germe de poema” [BACHELARD, 2009, p.95]. Uma infância potencialmente permanente:

(...) uma infância imóvel mas sempre viva, fora da história, oculta para os outros, disfarçada em história quando a contamos, mas que só tem um ser real nos seus instantes de iluminação — ou seja, nos instantes de sua existência poética.

[BACHELARD, 2009, p.94]

Bachelard funda a infância como núcleo central da solidão essencial do ser, como fonte corrente anterior ao poema nas margens mais clarificadas da dimensão poética, alcançada pelo devaneio poético:

O mundo do devaneio da infância é grande, maior que o mundo oferecido ao devaneio de hoje. Do devaneio poético diante de um grande espetáculo do mundo ao devaneio da infância há um comércio de grandeza. Assim, a infância está na origem das maiores paisagens. Nossas solidões de criança deram-nos as imensidades primitivas (...) Ao sonhar com a infância, regressamos à morada dos devaneios, aos devaneios que nos abriram o mundo. É esse devaneio que nos faz primeiro habitante do mundo da solidão. E habitamos melhor o mundo quando o habitamos como a criança solitária habita as imagens.

[BACHELARD, 2009, p.96-97]

Reinventar a infância através da poesia é, então, um gesto cósmico de retorno às origens: “os poetas nos arrastam para cosmos incessantemente renovados.” [BACHELARD, 2009, 24]. E esse poder de renovação cósmica atribuído à poesia está na base do que Bachelard chama de “uma filosofia ontológica da infância”, que põe de parte o caráter durável da infância. [2009, p.20]. Os ecos da filosofia de Bachelard ressoam na vontade de volta ao primordial de Manoel de Barros. Junto s, poeta e filósofo buscam os tesouros dos inícios. Assim, signos de retornos de origem como a água, a terra, a criança, são recorrentes tanto na teoria poético-filosófica do escritor francês quanto na obra poética do brasileiro.

A criança vive no universo dos trastes, dos restos. Os objetos descartados pelo mundo adulto se transformam a partir do mergulho na imaginação inventiva. Desse modo, caixotes, latas de goiabada elevam-se ao nível de brinquedo e são personificadas pelo poeta:

(...)

Meu irmão pregava no caixote  
duas rodas de lata de goiabada.  
A gente ia viajar.

As rodas ficavam cambaias debaixo do caixote:  
Uma olhava para a outra.

[BARROS,1999, s/p]

Para Janusz Korczak no livro *O direito da criança ao respeito* (1984), o apego das crianças a objetos sem valor talvez se deva ao fato de que a criança “não possui nada que seja de sua propriedade” [p.25] e portanto, transforma em seu “pedaços de barbante, caixinhas”. Sabemos que “toda essa quinquilharia” [KORCZAK,1984, p.25], vista pelo olhar lúdico das crianças, são os elementos de construção de um novo mundo real, edificado com as bases do reino da invenção. A criança conta com os trastes para essa reelaboração do real. Uma lata pode ser inútil para o adulto que só vê nela uma possibilidade significativa, mas não é imprestável para a criança, nem para o poeta. Para a criança, é matéria de brincar. Para Manoel de Barros, é matéria de poesia:

Remexo com um pedacinho de arame nas minhas memórias fósseis.

Tem por lá um menino a brincar no terreiro: entre conchas, osso de arara, pedaços de pote, sabugos, asas de caçarolas etc.

E tem um carrinho de bruços no meio do terreiro.

O menino cangava dois sapos e os botava a puxar o carrinho.

Faz de conta que ele carregava areia e pedras no seu caminhão.

O menino também puxava, nos becos de sua aldeia, por um barbante sujo umas latas tristes.

Era sempre um barbante sujo.

Eram sempre umas latas tristes.

O menino é hoje um homem douto que trata com física quântica.

Mas tem nostalgia das latas.

Tem saudades de puxar por um barbante sujo umas latas tristes.

[BARROS, 2013, p.340]

Note que é o adulto quem fala no poema. Há um arame cutucando as memórias. E há sobretudo saudade e nostalgia. O poeta sente-se *fora* dessa plenitude infantil. *Exercícios de ser criança* parecem ser uma restituição, uma reconstituição, uma busca entre trastes. Mas nem com física quântica, nem com a memória, nada encontra que seja próximo da integração cósmica, da absoluta integração no ser. Daquela irmandade com cada coisa, ficam nostalgia, saudade e fraturas se se analisa com atenção. Ainda que a queira restituir a si por meio desses exercícios, a infância aparece aí como um outro. E a razão dessa fratura parece ser a Memória, a infiltrar de tempo o espaço da infância.

*Exercícios de Ser Criança*, desde o título, sugere ao leitor uma aproximação entre infância e poesia enquanto dimensões contínuas da existência humana, como extensão ou contraface uma da outra. O próprio título, contudo, dá indícios de uma fratura que pela poesia se quer reconstituir.

Não são “exercícios infantis”, “exercícios de crianças”, ou “para crianças”. Não se trata de uma subordinação genitiva ou dativa do substantivo “criança”, em que a

criança torna-se objeto de um registro de observação adulta ou alvo de uma pedagogia. Trata-se de exercícios *de ser* criança. Não falam *delas*, nem para *elas*, mas a partir delas, como de uma espécie de núcleo ôntico. A criança, contudo, não é também o sujeito dessa enunciação poética, assim como essa poética não pretende fazer da criança sujeito de conhecimento algum: a criança é um modo de existir, uma modalidade de ser, que, na poesia de Manoel de Barros como na filosofia de Bachelard, se deseja recuperar.

*O ser criança* talvez deva ser considerado aí uma condição subjetiva para poesia, um Ser-aí na plenitude de sua ignorância, transitório e eterno, como que uma condição de puro *em-si*. Não vive a experiência como espanto, nem a compreende como representação: na poesia de Manoel de Barros a criança comunga o *ser*, irmana-se com cada coisa. Enquanto criança, não se aparta do mundo. E toda vez que a criança for ferida por espanto ou conhecimento objetivo, já não é enquanto criança que ela o sofre. Todos os golpes de velhice que se tomam numa infância mais ou menos sofrida, como as infâncias todas mais ou menos são, são já a vida adulta perversamente infiltrada no espaço da criança. O tempo infiltrado no espaço. A criança neste sentido é a comunhão do cosmo, o todo condensado numa condição perceptiva, o ser criança, anterior aos fracionamentos e fraturas da vida adulta, cujas primeiras fendas, malgrado tudo, datam sempre da primeira infância.

*Exercícios de ser criança* não é um livro para uma determinada faixa etária — público infantil ou jovem. À semelhança dos exercícios espirituais dos monges budistas ou jesuítas, mas com o vetor na direção oposta, os exercícios de Manoel de Barros são para si mesmo. Exercícios, em geral, são parte de uma propedêutica, etapa de uma aprendizagem: são para alguém tornar-se o que ainda não é, ou que não se é mais. Apesar dos prêmios que recebeu com essa classificação etária, arriscaríamos dizer que o próprio livro de Manoel de Barros desacredita essa possibilidade de filiação a um gênero “infanto-juvenil”, porque para este tipo de literatura a infância é alvo, nicho de mercado editorial, ou então, a criança é suposto um sujeito (informe) em formação. Para a poesia de Manoel de Barros, ao contrário, a criança é a nervura dos fenômenos.

Como condição subjetiva, a criança, ou o ser criança, é um espaço-tempo absoluto, e perdido para o adulto. Mas não definitivamente. Um tempo que se pode buscar, como o título indica, por meio de exercícios, exercícios de ser. Algo no título indica, pois, que os textos que compõem o livro põem a criança no cerne de uma ontologia, no centro de uma busca existencial. Uma dialética inversa em que, ao invés de se buscar ascender a um Ente infinito como nas ontologias de caráter teológico que constituíram espiritualmente o assim chamado Ocidente, busca-se descender ao finito transitório na eternidade do presente.

---

## Referências

---



BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. In: Os pensadores. Trad. Antônio da Costa Leal. São Paulo: Nova Cultural, 1988.

\_\_\_\_\_. **A poética do devaneio**. Trad. Antônio de Pádua Danesi. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

\_\_\_\_\_. **A água e os sonhos**: ensaio sobre a imaginação da matéria. Trad. Antônio de Pádua Danesi. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

BARROS, Manoel de. **Manoel de Barros faz do absurdo sensatez**. Mato Grosso do Sul, 18 out. 1997. O Estado de São Paulo, Caderno 2, 18 out. 1997. p. 1-3. Entrevista concedida a José Castello. Disponível em: <http://www.revista.agulha.nom.br/castel11.html>. Acesso em: agosto de 2015.

\_\_\_\_\_. **Exercícios de ser criança**. Rio de Janeiro: Salamandra, 1999.

\_\_\_\_\_. **Poesia completa**. São Paulo: Leya, 2013.

BASTOS, Luciete. **Fazendeiro de Poesias: uma leitura do livro ensaios fotográficos de Manoel de Barros**. In: Revista Letras de Hoje: Estudos e debates em Linguística, Literatura e Língua Portuguesa. Porto Alegre, v. 39, nº2, p.85-96, 2004.

CASTRO, Afonso de. **A poética de Manoel de Barros: a linguagem e a volta à infância**. Brasília: Universidade de Brasília, 1991.

---

## Para citar este artigo

---

DONATO, Elaine da silva carvalho; VALLE, Ricardo Martins. Uma filosofia ontológica da infância e os exercícios poéticos de ser criança. **Macabéa – Revista Eletrônica do Netlli**, Crato, v. 6, n. 1, p.42-55, jan.-jun. 2017.

---

## Os autores

---

**Elaine da Silva Carvalho Donato** mestranda do Programa de Pós- Graduação em Letras, Cultura, Educação e Linguagens - PPGCEL da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

**Ricardo Martins Valle** Doutor em Literatura Brasileira pela Universidade de São Paulo - USP, professor do curso de Letras da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Integra o Programa de Pós-graduação em Letras: Cultura, Educação e Linguagens- UESB